

## **CURRÍCULO E MULTICULTURALISMO: A CAPOEIRA COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.**

Williams Lima Cabral (UEPB/NEAB-Í/ESCOLA DE CAPOEIRA AFRO NAGÔ)

Maria Lindaci de Gomes Souza(UEPB – NEAB-Í- Propesq)

Falar sobre currículo é se pôr a pensar como cada comunidade escolar vai tratar seus usuários e o que lhes vai ser passado. As propostas pedagógicas devem estar em harmonia com o contexto de determinados sujeitos concretos, suas vidas e ações. Em se tratando de modelos e perspectivas curriculares Tomaz Tadeu da Silva trata que a incipiente direita que triunfava em vários países, colocara a educação e o currículo como “no centro de reestruturação da sociedade ao longo de critérios baseados no funcionamento do mercado” (Silva,1995), esse neoliberalismo econômico e o conservadorismo (moral) intencionava introduzir na educação institucionalizada normas e controles próprios da esfera do mercado com objetivo de obter resultados educacionais que fossem de acordo com as demandas e especificações das empresas. O ensino como base de reprodução do pensamento neoliberal e de seu conservadorismo que mantém uma determinada classe social fadada às fábricas e indústrias daqueles que ali os querem.

É dessa forma que se mostra o currículo oficial, determinado pelos governos e na maioria das vezes cumprida pelas escolas sem nenhuma alteração. Faz-se necessário uma reflexão por parte dos educadores para entenderem as novas configurações econômicas, políticas e sociais, como coloca Corazza (2001, p.100), *por meio de uma nova ótica que focalize as dinâmicas culturais em jogo na luta por hegemonia e domínio político*. Para o ingresso nessa luta, Silva sugeri que os educadores considerem os discursos, narrativas e saberes alternativos que contem outras histórias, as quais combatessem a naturalidade e a inevitabilidade das narrativas dominantes. A obtenção de um discurso que contraria à oficial viria a formar cidadãos críticos e conscientes dos descasos e continuidades de injustiças sociais.

Corazza expõe que passadas décadas de debates, conflitos e negociações ainda não se conseguiu consolidar nenhuma política, currículo, proposta pedagógica ou discurso “alternativo”. Legitimar um discurso alternativo que venha combater a educação mercantilizada que apenas produz operários é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais igualitária. Essa autora explica que a não legitimação de um currículo alternativo é em função de fatores históricos,

profissionais e subjetivos que nos fizeram perder os limites de diferenciação entre o que distingui um currículo oficial de um alternativo. Não é uma prática “ilícita” passar para os estudantes um tipo de pensamento ou de prática que venha de encontro com aquilo que é determinado pelo currículo oficial, mas trata-se de mostrar uma realidade que se faz oculta quando se é passado apenas a “História dos heróis nacionais”, desconstruir e elaborar um novo discurso perante a oficial é em primeiro lugar mostrar em sala de aula que existem histórias e longas trajetórias que guardam o passado e tradições de muitos povos, como é o caso da capoeira e das culturas afrobrasileiras e africanas.

Ainda com base em Corazza, ela nos dá a idéia de que para desmontar, desfazer, desjuntar o que parece ser a união entre currículo alternativo e oficial, devemos fazer tal avaliação em um sentido nietzscheano de “criar” ou recriar, questionar valores educacionais em si, questionar também o absolutismo dos valores tradicionais que foram “críticos” e que nos formaram. Ter em mente que valores são relativos, tais como direitos humanos, democracia, cidadania e escolarização. Pensar nos interesses que estão por traz de toda e qualquer política educacional, qual sua verdadeira intenção. Podemos com base no “criar ou recriar” nietzscheano exercitar nossa força criativa para produzir currículos que ainda não foram explorados, buscar diferentes conceitos e perspectivas, outros personagens e novos modos de fazer, de formação docente, fazendo uma releitura do que é tradicional, desconstruindo-o e refazendo-o na medida das necessidades de cada comunidade escolar.

Maria José Albuquerque da Silva e Maria Rejane Lima Brandim no artigo intitulado “Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural” (2008,p.55-66) vem discutir a temática do multiculturalismo como ferramenta para combater os preconceitos e discriminações contra sujeitos e grupos sociais que historicamente são rejeitados e silenciados por estarem fora dos padrões estéticos, dos valores morais definidos como válidos e aceitáveis seja no contexto escolar ou na sociedade como um todo. Silva e Brandim colocam como argumento central nesse trabalho o pensamento de que para viver no mundo atual devemos reconhecer a pluralidade e diversidade cultural dos diversos sujeitos baseado no respeito e tolerância recíproca, tratando as diferenças culturais não como sinônimo de inferior ou desigual, mas com base no plural e diverso. Considerar na formação escolar a visão multicultural, levando em conta a necessidade de se reconhecer e valorizar as mais diversas identidades sem tê-las como diferentes e por isso inferiores, naturalizando o preconceito e o desrespeito as culturas que formam a nossa sociedade, Ser áltero reconhecendo cor,

sexo, gênero, etnia, nacionalidade são requisitos fundamentais para combater discriminações e o silenciamentos de muitas tradições culturais.

Debater um currículo alternativo com base no multiculturalismo é peça chave para inserir a História e as trajetórias de lutas daqueles que a História oficial insiste em ocultar em detrimento de seus “heróis”, de seus interesses.

O Multiculturalismo foi desenvolvida por professores doutores afrodescendentes, docentes universitários que incentivaram o debate por meio de trabalhos e artigos científicos, trazendo questões sociais, culturais e políticas, etc, principalmente a questão “África” no início do século passado nos Estados Unidos. São alguns destes George W. Williams, Carter G. Woodson, W.E.B. Dubois, Charles H. Wesley, St. Claire Drake. Estes baseavam-se em argumentos científicos para promover igualdade entre populações segregadas e buscavam direitos civis. Esse conceito também serve como estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural que estão presentes nas escolas.

A padronização imposto pela globalização inibi traços políticos, culturais, sociais, etc, ao determinar modelos preestabelecidos que devem ser seguidos. Pensar como a escola vai lidar com isso é questão primordial para o aperfeiçoamento tanto do profissional como do entendimento para uma educação com base na alteridade. A tentativa de hegemonia de uma cultura em detrimento da outra é transmitida através de currículos oficiais e tradicionais que não permitem ou não trabalham com outras fontes que não sejam ligadas ao estado.

Na busca por uma educação altera e que insira uma parte da sociedade que é fadada à discriminação e ao preconceito, a capoeira emerge como uma prática metodológica que vence o currículo alternativo e oficial por ser uma arte que historicamente traz valores e trajetórias de um povo que luta por respeito e reconhecimento de suas tradições. Tendo como base o conceito de multiculturalismo, a inserção da capoeira se torna uma ferramenta mais do que eficiente para o ensino de História da África e cultura afrobrasileira.

Em uma aula (ou treino) de capoeira, são passados além dos movimentos, discussões acerca de “raça”, história da capoeira, cidadania, racismo, discriminação, respeito ao próximo, violência urbana, etc. A formação da criança que treina capoeira será composta por ensinamentos que o fará ser disciplinado, consciênte das diferenças sociais e as injustiças que ocorrem com a classe na qual ele está inserido. Isso é percebido em dois projetos de capoeira existentes na cidade de Campina Grande,

Paraíba. Tratam-se do Capoeira Inclusiva (apoiada pelo Instituto Alpargatas) e o Capoeira na Escola ( PMCG e Instituto Alpargatas). São atendidas mais de 2.000 crianças em diversas escolas municipais, em sabs e no CUCA ( Centro Universitário de Cultura e Arte). Destacamos 3 escolas nas quais estamos trabalhando a capoeira e juntamente com a educação acerca das culturas afro brasileira e africana. A Escola Municipal de ensino fundamental Aroldo Cruz, no bairro do Tambor, a Escola Municipal de ensino Fundamental Sandra Cavalcanti e a Creche Vânia Figueirodo. Nesses locais, cerca de 90 criança estão sendo atendidas com a inserção da capoeira em seus currículos, o projeto Capoeira nas escolas foi muito bem recebida nesses locais, tanto pelos gestores quanto pelos discentes. As crianças veem na novidade uma alternativa para conhecer uma outra cultura e ainda para gastar as energias que possuem de sobra. As aulas são sempre envolvidas com brincadeiras, em uma tentativa de estabelecer uma relação inter pessoal que possibilite uma boa relação entre o instrutor e o alunado.

Ensinar a capoeira de forma lúdica e pedagógica e através das múltiplas atividades propostas, transformá-la em uma grande ferramenta educacional, que deverá se agregar à proposta da escola, para juntos potencializar o desenvolvimento da criança.

A escola tem um papel mais que fundamental na vida de uma criança, pois a necessidade que ela sente de descobrir o mundo em sua volta é constante, sua curiosidade é mais que aguçada e se vive uma fase de descobertas. Oferecer ensino e conhecimento de qualidade é o que as escolas públicas devem fazer. Com a participação da capoeira na formação educacional da criança, haverá uma contribuição bastante significativa com relação ao comportamento, disciplina e atenção na hora da aula.

Discutir currículo, multiculturalismo e a prática de capoeira é fundamental para entendermos como esta arte pode servir como ferramenta de combate contra a discriminação, o bullying, racismo, etc. O capoeirista interessado em guardar os ensinamentos de seus mestres e professores se tornam pessoas centradas e preocupadas com o desenvolvimento e formação do cidadão crítico e consciênte, zela o respeito pelo próximo como exigência fundamental para o capoeirista, estando na roda de capoeira em qualquer outro lugar.

Na declaração de Nova Delhi sobre educação para todos, está exposto o compromisso que países em desenvolvimento como o Brasil, Índia, México entre outros, possuem com a educação de seus povos, levando em consideração que tais

países estão entre os mais populosos tendo mais ainda responsabilidade com seus povos. Na declaração, os dois primeiros itens colocam:

as aspirações e metas de desenvolvimento de nossos países serão atendidas somente através da garantia de educação para todos os nossos povos, direito este assegurado tanto pela Declaração Universal dos Direitos do Homem quanto pelas constituições e leis de cada um de nossos países;

a educação é o instrumento preeminente de promoção dos valores humanos universais, da qualidade dos recursos humanos e do respeito pela diversidade cultural (Declaração de Nova Delhi sobre Educação para Todos,1993)

O projeto de educação para todos possui em si a responsabilidade de reconhecer o multiculturalismo, a inserção de outros discursos e de outros modos de ver o mundo faz-se necessário quando o assunto são os diversos povos que compõem um país como o Brasil. Em se tratando das tradições de matriz africana a carga de preconceito e discriminação ainda é grande. A declaração de Nova Delhi estabelece a educação como instrumento de promoção dos valores humanos universais e do respeito por tal universalidade, utilizamos a capoeira como meio a divulgar a cultura de um povo que faz parte da nação brasileira e que historicamente sofre com discriminação e preconceitos que os colocam a margem da sociedade. A população negra nos últimos anos vem sendo cada vez mais assistida pelo governo federal, porém a discriminação ainda é imensa nos meios sociais, principalmente nas escolas. Daí vem a importância de um currículo alternativo que não mais reproduza a História oficial que apenas coloca o negro como escravo e passivo a esta identidade, mas agora colocamos a História do negro que resistiu e resiste aos descasos e discriminações e que agora tem sua trajetória reescrita e sua cultura valorizada.

A capoeira é desenvolvida em diversos países e se configura como maior meio de divulgação da língua portuguesa e da cultura brasileira pelo mundo, os nossos mestres são respeitados e seguidos por suas caminhadas e histórias de vida, tendo alguns destes com maior reconhecimento pelo seus feitos como o Mestre Bimba e o Mestre Pastinha, o primeiro por criar uma metodologia de ensino da capoeira, suas sequências da capoeira regional da Bahia, atualmente conhecida como capoeira

Regional e o Mestre Pastinha teve maior destaque na capoeira Angola, que para muitos é a base do jogo da capoeira.

Como toda prática afrobrasileira, a capoeira também foi criminalizada no Brasil colonial e início da república, os negros agora ex escravos eram perseguidos quando praticavam a capoeira, eles tiveram que passar a resistir na capoeira praticando nos caes dos portos, a exemplo de mestre Bimba que trabalha descarregando navios no porto de Salvador. A descriminalização ocorreu quando o então presidente Getúlio Vargas, através de sua política populista adotou práticas afrobrasileiras como sendo manifestações da cultura brasileira, construindo assim uma identidade nacional para os praticantes, tanto da capoeira como do candomblé, samba e outras práticas mais, que continuaram sendo discriminados (como o caso do candomblé que é tido absurdamente por muitos cristãos como sendo uma prática satânica!) e desrespeitados.

A capoeira antes mesmo de ser reconhecida como uma prática cultural afrobrasileira, teve um longo caminho a percorrer, não foi com a legalização da atividade que devemos dar importância histórica, mas sim os vários anos de luta e de resistência empreendida pelos negros escravizados que usaram da luta, do jogo da capoeira para se livrar dos chicotes de seus feitores, da perseguição policial e ainda da discriminação social e racial que estes sofriam.

Em sua história a capoeira se coloca como uma “ arma de resistência”, uma forma de luta e de libertação que devemos sempre ter isso em mente quando estivermos praticando, sua simbologia cultural e espiritual esta ligada ao sofrimento, à libertação, a glória da “liberdade” ou da fuga se entrelaçam com seu jogo.

A forma tácita, a resistência subreptícia (CERTEAU,1997) de reinventar a luta na opressão cotidiano fez com que os negros forçados a trabalhar unissem a dança, o jogo, as brincadeiras, a religiosidade, e a musicalidade em uma única arte. Foi em meio à dança, à música e ao sincretismo religioso que a capoeira se desenvolveu, confundindo seus opressores, no desfarce diário que a luta foi ganhando força, empreendiam seus modos de fazer burlando o próprio sistema. De forma alguma em nenhum momento o negro foi passivo ao sofrimento oferecido pelo sistema escravista, ele estava na contramão da engrenagem, através de fugas, suicídios, a formação dos quilombos, o desenvolvimento da capoeira foram lutas constantes, nunca intimidada pelo poder policial, pela discriminação racial e social, a força herdada de ancestrais deram base para o “combate” cotidiano dessas injustiças que flagelavam o povo negro e que ainda hoje deixa suas marcas no racismo.

Essa base histórica que a capoeira possui nos dá respaldo para trabalhar com ela em sala de aula, tanto o processos que a consolidou quanto a prática em si. Mas devemos analisar também que ela para ser aceita como cultura afro brasileira fez parte de um jogo político no período do estado novo, no qual sob o comando de Getúlia Vargas se pretendia criar uma identidade nacional exibindo as manifestações populares como sendo algo da nação. Mas por muito tempo ela foi desprestigiada, discriminada e perseguida. Mas além disso ela traz como marca a luta e os modos de fazer de um povo que soube burlar as amarras do sistema até o ultimo fio de opressão, e é na escola o local ideal para se passar tais conhecimento.

O ambiente escolar é um local onde muitas realidades se encontram, várias formas de comportamento e de pensar estão diariamente se encontrando e as vezes se conflituoando, os relatos de professores e funcionários acerca do comportamento das crianças em sala de aula e fora dela são na maioria das vezes iguais e negativas, a má educação é coloca como uma constante nesses depoimentos, como se em casa tais estudantes não fossem moldados para se comportar entre outros grupos sociais, o Capoeirista professor está entre a linha tênue do ensinamento doméstico e a educação (institucionalizada), uma função com importância socio, cultural, educacional e historica.

O Estatuto da Igualdade Racial que foi sancionada a 20 de julho de 2010, trata de várias questões referentes ao povo negro, como saúde, educação, esporte e lazer, com isso ele vem dar respaldo ao multiculturalismo e a inclusão da capoeira nas escolas públicas quanto nas privadas. Na seção II que trata da educação, em seu artigo 11 estabelece:

Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados é obrigatório o estudo da história geral da África e da história da população negra no Brasil, observado o disposto na lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996(2010, 15-16)

As escolas que implementam a prática da capoeira atendem e contemplam tal determinação, a exemplo das três acima citadas. Falta os poderes públicos que gerem a educação, preparar os professores para a relação extra capoeira, a formação do educador também é mister para se combater de fato as discriminações, pois muitos dos educadores ainda se encontram como reprodutores dos preconceitos e racismos que

flagelam o povo negro. Existindo o respaldo legal e a intenção de (re) construir uma outra história daqueles que vieram da África para o Brasil é de suma importância para conseguirmos vencer o preconceito racial.

O Estatuto em seu artigo 22, na qual trata da capoeira coloca: *A capoeira é reconhecida como desporto de criação nacional, nos termos do art. 217 da Constituição Federal.*(2010,20). E no segundo parágrafo desse artigo é exposto que *É facultado o ensino de capoeira nas instituições públicas e privadas pelos capoeiristas e mestres tradicionais, pública e formalmente reconhecido.*(2010,20). A prática da capoeira é ainda reconhecida como patrimônio imaterial do país.

A escola que possui a arte da capoeira em seu currículo com certeza está contribuindo com a transformação da mentalidade que antes era hegemônica, a mentalidade racista. Interagir o multiculturalismo com as teorias do currículo e inserir a capoeira no quadro de atividades vai trazer bons frutos às crianças.

#### **Referências Bibliográficas:**

MELLO, André da Silva, **In: A HISTÓRIA DA CAPOEIRA: PRESSUPOSTO PARA UMA ABORDAGEM NA PERSPECTIVA DA CULTURA CORPORAL.** Centro Universitário Vila Velha . UVV. P. 1 -8

**ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL, Secretaria Especial de Programa de Promoção da Igualdade Racial.** P. 16-20.

CERTEAU, Michel de, **In: A Invenção do cotidiano. Artes de fazer.** Ed. Vozes, Petrópolis.2007.